



## **A RELAÇÃO DO RETRAIMENTO SOCIAL INFANTIL À SUPERPROTEÇÃO FAMILIAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO DESEMPENHO ESCOLAR**

Aline Garcia Ribeiro de Mattos<sup>1</sup>

Fernanda Cambauva Barontini<sup>2</sup>

Leticia Cácere Cavalcante Brito<sup>3</sup>

Roseli Silva dos Reis Pereira<sup>4</sup>

### **RESUMO**

É comum em ambientes escolares haverem alunos com dificuldades de interação e retraimento social, e os profissionais da área encontrando desafios para acessar esses indivíduos e suas famílias, que muitas vezes podem não aceitar essa dificuldade e a responsabilidade da parceria com a escola, no intuito de um convívio social mais adaptativo. Sendo assim, esta pesquisa buscou estudar a relação desse contexto familiar superprotetivo e permissivo com os impactos gerados na escola, no que diz respeito a interação desses indivíduos, através de pesquisa bibliográfica e estudos científicos relacionados.

**Palavras-Chave:** Retraimento Social; Superproteção; Contexto Escolar.

### **ABSTRACT**

It is common in school environments to have students with interaction difficulties and social withdrawal, and professionals in the field may encounter challenges in accessing these individuals and their families, who often may not accept this difficulty and the responsibility for the partnership with the school, in with the aim of a more adaptive social life. Therefore, this research sought to study the relationship between this overprotective and permissive family context and the impacts generated at school, with regard to the interaction of these individuals, through bibliographical research and related scientific studies.

**Keywords:** Social Withdrawal; Overprotection; School context.

## **1. INTRODUÇÃO**

Atualmente, percebe-se que há uma necessidade de entender as causas do retraimento social na infância, principalmente quando se está relacionada a um ambiente familiar muito

---

<sup>1</sup> Aline Garcia Ribeiro de Mattos. Graduanda em Psicologia. Faculdade Anhanguera de Bauru. Email: agribeiro.aline@gmail.com

<sup>2</sup> Fernanda Cambauva Barontini. Especialista. Faculdade Anhanguera de Bauru. Email: fernanda.barontini@anhanguera.com

<sup>3</sup> Leticia Cácere Cavalcante Brito. Especialista Faculdade Anhanguera de Bauru. Email: leticia.cavalcante@anhanguera.com

<sup>4</sup> Roseli Silva dos Reis Pereira. Graduanda em Psicologia. Faculdade Anhanguera de Bauru. Email: roseli\_reis\_@hotmail.com



permissivo e superprotetor. Normalmente os alunos que desenvolvem este comportamento passam despercebidos no contexto escolar e também não conseguem um desenvolvimento das relações fora do ambiente familiar, o que pode gerar consequências para seu bem-estar psicológico e sua adaptação social na vida adulta. Assim, se faz necessário um estudo sobre a relação deste retraimento com a superproteção familiar, entendendo quais impactos podem gerar no seu desenvolvimento escolar.

### **1.1 Objetivos**

Nos tópicos abaixo serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa.

#### **1.1 Objetivo Geral**

Compreender a relação do retraimento social infantil com famílias superprotetoras e qual impacto dessa relação na vida escolar desses indivíduos, através das principais fundamentações teóricas a respeito deste tema.

#### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre as causas do retraimento social;
- Entender a relação da superproteção parental com dificuldades de interação social dos filhos;
- Compreender as consequências desse comportamento retraído no desenvolvimento escolar.

## **2 REVISAO DE LITERATURA**

### **2.1 Retraimento Social**

O retraimento social, diz respeito a um auto isolamento do indivíduo ao seu grupo de pares e a um comportamento solitário, de forma consistente e por um longo período de tempo.



**8° CIM**

**CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR**

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

Este comportamento pode ter consequências negativas na adolescência e pode ser um fator prévio de ajustamento psicossocial (JACOB et al, 1999).

Este retraimento pode estar associado à timidez, inibição comportamental, fobia social, passividade e problemas internalizados e pode ser entendido como uma forma de solidão em diferentes momentos de desenvolvimento, contextos sociais e culturas. Os jovens retirados socialmente são aqueles que preferem estar sós e apresentam menor eficiência na concretização de tarefas sociais e acadêmicas do que crianças mais proativas e envolvidas socialmente (NUNES; FRANCO; VIEIRA, 2012).

Conforme Nunes, Franco, Vieira (2012), há uma diferenciação entre inibição, timidez, retraimento social e isolamento social. A inibição, tem origem biológica com predisposição de temperamento, onde as respostas de situação ou de pessoas não familiares, pode ser dos tipos assustado, esquivo ou amedrontado, por meio de ansiedade, desorientação ou estresse. A timidez, é expressa em situações inéditas para a criança em uma condição social particular. Já o retraimento social, seria a exibição consistente e permanente da timidez, em diferentes contextos com conhecidos ou desconhecidos, onde o afastamento do grupo parte de iniciativa da criança. O isolamento social, por sua vez, também se refere a um afastamento do grupo, mas não por iniciativa da criança, mas sim por rejeição dos pares.

As interações sociais, são de suma importância, principalmente no período de pré-adolescência e adolescência, mostrando relevância no desenvolvimento cognitivo, emocional e social adequados. Essa falta de interação pode apontar dificuldades socio- emocionais (como ansiedade, baixa autoestima, depressão), dificuldade com os pares (rejeição, qualidade pobre de amizades) e dificuldades escolares (relação professor-aluno, evitamento da escola) (RIBEIRO et al, 2015).

O retraimento social na infância pode gerar consequências para o bem estar psicológico e a adaptação social do indivíduo. Ter amigos, manter conexões positivas, sentir-se aceito, pode trazer imensos benefícios ao bem estar psicológico da criança, influenciando seu desenvolvimento e preenchendo necessidades importantes como: suporte, validação pessoal, segurança emocional, intimidade, afeição, aliança e estimulação (NUNES; FRANCO; VIEIRA, 2012).

Ribeiro et al (2015) relata que crianças tímidas/retraídas falam com menos frequência e são percebidas pelos seus pares como menos competentes socialmente, são condescendentes,



complacentes com as solicitações dos outros, não assertivas e diretivas e geralmente “bem comportadas”, são crianças sossegadas, submissas e tem dificuldade de aceitação pelo grupo de pares.

Entendendo os motivos que levam ao retraimento social, podem ser destacados, segundo Nunes, Franco, Vieira (2012):

- 1) Própria motivação da criança para atividades solitárias, mas que se orientadas para atividades em grupo conseguem desenvolver laços;
- 2) Acúmulo de experiências frustradas em grupo ou de rejeição;
- 3) Conduta social ansiosa, reticente e hesitante, onde as interações sociais são custosas e desconfortáveis, comumente associadas ao bullying.

Para Ribeiro et al (2015) para compreensão do fenômeno do retraimento social deve ser considerado as dimensões individuais, familiar, social e acadêmica ao longo do desenvolvimento do sujeito e identificar os riscos intra e interpessoais construindo estratégias de intervenção adequadas a esses adolescentes, evitando sintomatologias ansiosas, depressivas, solitárias ou de baixa autoestima.

Para Pacheco, Sisto (2005), desde o nascimento, a experiência familiar influencia o desenvolvimento social dos indivíduos além de características de personalidade, autoconceito, cognição e a inteligência, podem estar relacionados ao ajustamento social.

### **2.3 As Interações**

As interações possuem papel importante das habilidades interpessoais como empatia, por exemplo. As crianças socialmente retraídas possuem maiores chances de sentirem-se infelizes e solitárias e mais suscetíveis a enfrentar problemas escolares e a desenvolverem transtornos mentais como depressão e ansiedade (NUNES; FRANCO; VIEIRA, 2012).

Em relação a dimensão familiar envolvida nas práticas de socialização, há a prática parental, que também causam impacto no desenvolvimento infantil, conforme Teixeira e Alvarenga (2016). Para as autoras, o controle parental faz referências as práticas e comportamentos dos pais para regular os comportamentos dos filhos, como práticas educativas e controle psicológico. Esses controles podem envolver restrição da expressão da criança,



# 8° CIM

## CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

superproteção ou manipulação de pensamentos ou sentimentos, podendo inibir o desenvolvimento socioemocional e a autonomia da criança para que ajam de acordo com os padrões desses pais.

Cavalcanti, Silva e Porto (2015), enfatizam que na organização familiar o indivíduo receberá estímulos que irão contribuir para a formação de sua identidade, das relações sociais e afetivas, levando até a vida adulta a reprodução dessas mesmas atitudes parentais. Neste ambiente, a criança terá adquirido regras de conduta iniciais para socialização e aprenderá formas de se relacionar com o outro, além de aprender idéias, crenças, valores e padrões que irão contribuir para a formação social do indivíduo.

Em relação aos vínculos parentais, os estudos dessas implicações no desenvolvimento social enfatizam duas dimensões: o afeto e o controle emocional, que frequentemente tem efeitos sobre a conduta e desenvolvimento da autonomia infantil:

Afeto refere-se à expressão de suporte e aceitação por parte da mãe ou cuidador em relação ao/à filho/a e às necessidades infantis, aliada ao encorajamento para a autonomia e autorregulação emocional. Controle parental é definido como um padrão excessivo de regulação das atividades e da rotina da criança aliado ao processo de tomada de decisão autocrática (instrução sobre como a criança deve sentir, pensar e agir) (NUNES; FRANCO; VIEIRA, 2012).

Segundo Teixeira e Alvarenga (2016), para alcançar essa conformidade de comportamento dos filhos, os pais podem usar comportamentos coercitivos como: retirada de afeto, indução da culpa, críticas carregadas de emoções, humilhações, excesso de controle pessoal e a superproteção, segundo as autoras, essas dimensões podem ser divididas em duas categorias, sendo elas a superproteção e o controle crítico, na qual explicam:

A categoria superproteção é composta por itens que avaliam a restrição da independência e de experiências da criança, carinho ou afeto excessivo ou desnecessário, o reforço da timidez da criança e a falta de incentivo ao engajamento social. No geral, a superproteção é focada em ações dos pais que interferem nas oportunidades que a criança tem para funcionar de forma independente. A categoria controle crítico inclui itens que refletem a rejeição dos pais ou desprezo pela criança ou por seu comportamento, que poderiam ameaçar a sensação de segurança do filho no vínculo que tem com seus pais, ou fazer com que a criança tenha sentimentos ruins em relação a si mesma (TEIXEIRA; ALVARENGA, 2016).

Segundo Cavalcanti, Silva e Porto (2015), a superproteção pode ser entendida como o cuidado em excesso, que pode resultar em um bloqueio no desenvolvimento e no aprendizado,



**8° CIM**

**CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR**

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

uma vez que a criança se inibe em explorar o mundo, gerando problemas sociais e afetivos. A superproteção, pode ocorrer por motivos variados, entre eles alguma deficiência da criança ou até mesmo medo do mundo ou violência. Neste cenário, muitos pais sentem dificuldade em dar liberdade aos filhos e facilitam muitas tarefas do cotidiano, o que impede as crianças de desenvolverem autonomia e de seu crescimento adequado.

O controle comportamental está relacionado a resultados de desenvolvimento socioemocionais e cognitivos, enquanto o controle psicológico pode prejudica a regulação emocional da criança, sendo prejudicial por constituir de uma intervenção excessiva que desrespeita a necessidade de autonomia da criança. A superproteção, dessa forma, seria uma característica do controle psicológico e ocorre no momento em que os pais apresentam respostas superprotetoras, agindo pela criança em momentos nos quais ela mesma deveria criar repertório para agir de forma independente, reduzindo a possibilidade da criança em resolver problemas e restringindo sua oportunidade de desenvolver habilidades para lidar com o mundo, já que ela não aprende a tomar iniciativa. Dessa forma, ao interferir na autonomia esperada na idade da criança, os pais incentivam comportamentos de dependência, redução de autoconfiança e aumentam até mesmo o nível de ansiedade da criança (TEIXEIRA; ALVARENGA, 2016).

## **2.4 A Superproteção Parental**

A superproteção parental, refere-se a um modo de relacionamento familiar caracterizado pelo envolvimento e intervenção dos pais na vida de seus filhos de maneira contundente. Mesmo quando bem-intencionadas, as tentativas de proteção e resolução de situações-problema podem ter consequências negativas significativas.

Muitos problemas enfrentados por familiares superprotetores é que os mesmos muitas vezes não percebem ou reconhecem que estão afetando na aprendizagem dos filhos e que essas práticas educativas familiares, podem afetar de maneira negativa em seu desenvolvimento sócio-afetivo. Essas ações exageradas dos pais, muitas vezes pode estar envolvida com sentimentos de ansiedade e insegurança, prejudicando diretamente a autoestima, personalidade e maneira negativa que essa criança se enxergará ao longo da vida. Muitos pais, justificam tais comportamentos superprotetores com fatores presentes na sociedade que podem ser nocivos a seus filhos ou tendem a realizar-se na vida dos filhos, planejando o futuros deles de acordo com



**8° CIM**

**CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR**

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

suas próprias expectativas frustradas, resultando em um acúmulo de expectativas e cobranças sobre as crianças (CAVALCANTI; SILVA; PORTO, 2015).

Conforme Nunes, Franco, Vieira (2012), crianças que exibem constantemente sinais de inibição tendem a ser vistos pelos adultos como tímidas, e os pais, por sua vez, tendem a reagir com mais superproteção na tentativa de não expor a criança a situações difíceis. Desta forma, “timidez e pouca habilidade social, em conjunção com superproteção e intrusividade parental, em especial, nos contextos sociais extrafamiliares, constituem comportamentos que não passariam despercebidos, mesmo nos anos pré-escolares”, as autoras ainda acrescentam que ao descobrirem que seus filhos estão sendo excluídos ou tratados de forma diferenciada, poderia reforçar o comportamento de superproteção (NUNES; FRANCO; VIEIRA, 2012).

Segundo Cavalcanti, Silva e Porto (2015) as práticas familiares vem interferindo de forma autoritária sobre as crianças, dificultando seu processo educativo e social, tornando-os indivíduos pouco participativos, inseguros, com baixa criatividade e desencorajados a vivenciar novas experiências.

Segundo Rocha e Rozek (2018), muitas vezes a escola também desconsidera as aprendizagens anteriores ao ingresso do aluno à escola e espera um público homogêneo, ignorando os aspectos subjetivos presentes no processo de aprendizagem, o que pode gerar uma importante fragmentação neste processo. Para as autoras, o vínculo e os afetos que se estabelecem na escola são de extrema importância e esses vínculos se encontram fragilizados, devido ao sentimento de desrespeito e devido as escolas desconsiderarem que os jovens tem suas características constituídas nas relações sociais e nas formas de sobrevivência que os grupos estabelecem ao longo de suas trajetórias.

As atitudes dos professores, também pode influenciar o desenvolvimento social, emocional e acadêmico dos alunos, suas percepções, atitudes e crenças influenciam no estabelecimento das relações. Normalmente, professores e os pares parecem perceber as crianças retraídas como menos competentes ou menos inteligentes e ser rejeitadas pelos pares devido a baixa valorização, tendo também uma relação menos próxima entre professor-aluno. Segundo estudo, o isolamento social está “negativamente correlacionado com a aceitação pelos pares e positivamente associado com uma autopercepção negativa, assim como, com a identificação de perturbações internalizantes” (RIBEIRO et al,2015).



Tanto aspectos afetivos como cognitivos podem estar relacionados, a “organização do eu, em termos cognitivos, sociais, afetivos, se dá para promover uma identidade e coerência pessoal, que podem interferir no desempenho acadêmico do aluno”, sequelas emocionais e sociais podem estar vinculadas ao fracasso escolar e a desordens de conduta e personalidade podem estar ligadas ao desenvolvimento dessa criança (PACHECO; SISTO, 2005).

A forma como a sociedade percebe os sujeitos, também pode influenciar nessas relações entre estudantes e professores, uma vez que a escola reflete a sociedade. É importante que os educadores compreendam seu papel diante dos sujeitos nos quais também se tornam responsáveis, desenvolvendo a capacidade de ser suporte para as demandas emocionais dos alunos criando um espaço seguro (ROCHA; ROZEK, 2018).

Para Jacob et al (1999), muitas crianças sem alterações orgânicas ou deficiência mental apresentam dificuldades de aprendizagem, geralmente relacionada ao funcionamento afetivo e às funções adaptativas. Esta relação entre o fracasso escolar e o desamparo adquirido, culmina em dificuldades escolares e essas crianças com apresentam vivências de impotência, fragilidade emocional, com indícios de imaturidade e prejuízo na capacidade adaptativa.

Em qualquer campo referido, é acentuado cada vez mais a importância da interação família-escola, pois a criança em ambos contextos, está sujeita a processos de socialização, onde ela aprende normas de conduta social, adquire papéis sociais que irá, em grande parte determinar seus comportamentos em diferentes contextos (NEVES; 2000).

Tanto a família quanto a escola são responsáveis pelo desenvolvimento das crianças, enquanto a escola favorece a aprendizagem de conhecimentos a família deve fazer com que a criança se socialize e essas funções de inter-relacionam (PIRES; YAEGASHI; 2015).

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, qualitativa e descritiva, de cunho teórico e restrito à Revisão Bibliográfica, onde foram pesquisados livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca em livros, sites de banco de dados etc. As palavras-chave utilizadas para esta pesquisa foram: Retraimento Social; Superproteção; Contexto Escolar.



A ideia inicial foi ampliar o repertório sobre as vivências familiares que ofertam superproteção, e ofertar uma reflexão para os profissionais da educação.

### **3.1 Ambiente e Participantes**

Por se tratar de uma pesquisa de cunho teórico, o ambiente da pesquisa ou seu universo foi a literatura especializada sobre retraimento social, dificuldades escolares, relação entre família e escola, desenvolvimento infantil e superproteção familiar.

O corpus de documentos foi selecionado junto ao universo da pesquisa, considerados os mais representativos e pertinentes.

### **3.2 Procedimentos de Pesquisa**

A coleta de dados junto à literatura especializada envolveu as seguintes fases:

Fase 1- Identificação dos documentos junto às fontes eletrônicas disponíveis, cujo resultado foi o levantamento bibliográfico sobre o tema de interesse e dos respectivos autores e seus trabalhos científicos.

Fase 2- Localização e obtenção dos documentos identificados na fase anterior junto às bibliotecas físicas ou digitais por meio de serviços oferecidos por essas instituições.

Fase 3- Leitura, resumo e interpretação dos documentos localizados e obtidos. A sistematização lógica desse material constitui o referencial básico para a elaboração do trabalho.

Fase 4- Redação do texto referente ao desenvolvimento do tema.

A forma de análise dos dados coletados foi apresentada textualmente e foram efetuadas ainda, as ligações lógicas e comparações, identificando os princípios teóricos levantados na literatura.



**8° CIM**

**CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR**

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A superproteção parental pode ter impactos profundos e duradouros no desenvolvimento infantil. Os tutores podem irrefletidamente promover o prejuízo da capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta quando inibem as crianças das experiências necessárias para desenvolver habilidades sociais e emocionais.

As interações sociais são importantes para um bom desenvolvimento do indivíduo e para facilitar sua adaptação no mundo. A falta de relacionamento desde a infância, gerada pelo retraimento social pode gerar problemas psicológicos, de autoestima e pertencimento desde os primeiros anos da vida escolar, onde essa interação precisa ocorrer para facilitar o desenvolvimento e a aprendizagem dessas crianças.

Neste sentido, a relação parental deve estimular um ambiente favorável para que este desenvolvimento ocorra. Entretanto deve preservar a autonomia das crianças em realizar suas atividades cotidianas, uma vez que um ambiente superprotetivo impede seu desenvolvimento, gerando dependência, baixa confiança, e aumento do nível de ansiedade e de dificuldade sócio-afetiva da criança desde a fase escolar até a sua vida adulta.

Ao encontrar um equilíbrio assertivo entre proteção e autonomia, os pais podem ajudar seus filhos a crescer e prosperar de maneira saudável e equilibrada, reconhecendo e enfrentando a superproteção parental, e promovendo um ambiente de crescimento e desenvolvimento positivo para as crianças.

A escola, por sua vez, também tem papel importante no desenvolvimento de vínculo e inserção dessa criança socialmente, criando um ambiente acolhedor para esses alunos e tentando desenvolver com as famílias inter-relações que busquem o desenvolvimento afetivo dessas crianças, para facilitar sua aprendizagem e suas interações sociais mais saudáveis. Além desse fato, o incentivo aos estudantes pela assunção e controle de seu próprio aprendizado, permitindo-lhes desenvolver o ritmo e o método de estudo que melhor se adapte às suas necessidades individuais, fortalecendo autoconfiança, auto responsabilidade, ressignificação de autoimagem, habilita-os a se adaptarem as necessidades e desenvolverem uma mentalidade positiva e resiliente.



# 8° CIM

## CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO MUNDO PROFISSIONAL

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Anilma Barreto; SILVA Silvania Jesuina Gomes da; PORTO Zélia Granja. **Percepções parentais da superproteção na educação infantil**. 2015. UFPE. Disponível em <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/CAVALCANTI%3B+SILVA%3B+PORTO+-+2015.2.pdf/f166aa97-63bb-4b5e-8d2d-ab244519467d>. Acesso em 13/11/2022.

JACOB, Adriana Vilela; LINHARES, Maria Beatriz M; LOUREIRO, Sônia Regina; MACHADO, Vera Lúcia Sobral; MARTURANO, Edna Maria. **Aspectos afetivos e desempenho escolar**. Artigos Psic. Teor. e Pesq. 15 (2) 1999. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S010237721999000200008>. Acesso em 16/10/2022.

NEVES, Isabel Pestana. **Análise do contexto de socialização familiar: sua importância para a compreensão do (in)sucesso escolar**. Porto: ASA, 2000, p. 1- 16. Disponível em [http://essa.ie.ulisboa.pt/ficheiros/artigos/livros/2000\\_analisedocontexto.pdf](http://essa.ie.ulisboa.pt/ficheiros/artigos/livros/2000_analisedocontexto.pdf). Acesso em 13/11/2022.

NUNES, Sandra Adriana Neves; FARACO, Ana Maria; VIEIRA, Mauro Luís. **Correlatos e consequências do retraimento social na infância**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 122-138, abr. 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672012000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672012000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 12/10/2022

PACHECO, Lílian; SISTO, Fermino Fernandes. **Ajustamento social e dificuldade de aprendizagem**. Psic., São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-50, jun. 2005. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 12/10/2022

PIRES, Juliana Gabricho Capella; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **A Relação entre Família, Escola e Dificuldades de Aprendizagem**. Seminário de Pesquisa PPE 2015. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2015/trabalhos/co\\_02/48.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_02/48.pdf). Acesso em 13/11/2022.

RIBEIRO, Olívia et al. **O retraimento social em adolescentes: um estudo descritivo do seu ajustamento sócio-emocional segundo a perspectiva dos professores**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 255-267, jun. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16/10/2022.

ROCHA, Juliana dos Santos; ROZEK, Marlene. **Quando o aprender na escola é (im) possibilidade\***. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv, Manizales, v. 16, n. 1, p. 361-373, junho de 2018. Disponível em [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2018000100361&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2018000100361&lng=en&nrm=iso). Acesso em 16/10/2022.

TEIXEIRA, Janaina Nascimento; ALVARENGA, Patrícia. **Relações entre controle psicológico e comportamental materno e ansiedade infantil**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 68, n. 3, p. 145- 160, dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672016000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16/10/2022.